

III Seminário Cidade, Territorialidades e Interseccionalidade – 2025

Territórios em Luta: Práticas dissidentes de (re)existência

QUILOMBOS DO CAMPO GRANDE: ARQUIVOS VIVOS, FUTUROS INSURGENTES

FREIRE, KAREN PESSOA¹, NAKEL, LAURA DE SOUSA²

¹ Doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, FAU-USP, karenpfreire1@gmail.com

² Doutoranda em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, FAU-USP, lauranakel@gmail.com

Sessão Temática: 1 – Memória, identidade e (re)existência

RESUMO: Este trabalho apresenta e fundamenta uma proposta metodológica de experimentação pedagógica que utiliza documentos coloniais sobre quilombos históricos como dispositivos para fabulação crítica contracolonial, relatando seus resultados iniciais. Durante boa parte do século XVIII, a rede quilombola dos sertões do Campo Grande dominou regiões do atual Triângulo Mineiro, contando com sistemas político-econômicos complexos, com plantações, pilões, curtumes, teares, forjas de ferro, casas de rei, audiência, conselho, trincheiras e armadilhas contra invasores. A presença daqueles povoados quilombolas ameaçava a dominação escravista cristã-europeia na América, sendo empreendidos diversos ataques bélicos para destruição dos quilombos e incorporação de seus territórios aos domínios da administração colonial. Tal violência institucionalizada não foi capaz de extinguir os povoados quilombolas, mantendo-se presentes ainda hoje em diferentes recantos, cada qual cultivando comunidades com modos de vida próprios. Tendo como dispositivos os vestígios de quilombos setecentistas, observados a partir de metodologias críticas de intelectuais atuais, partimos de experimentações didáticas que demonstram potencial para transformar relações com arquivos coloniais, estabelecendo conexões afetivas com ancestralidades quilombolas e reconhecendo nos povoados históricos não apenas resistência, mas propostas concretas de planejamento insurgente.

PALAVRAS-CHAVE: quilombos; colonização; contracolônização; biointeração; documentos históricos

QUILOMBOS OF CAMPO GRANDE: LIVING ARCHIVES, INSURGENTS FUTURES

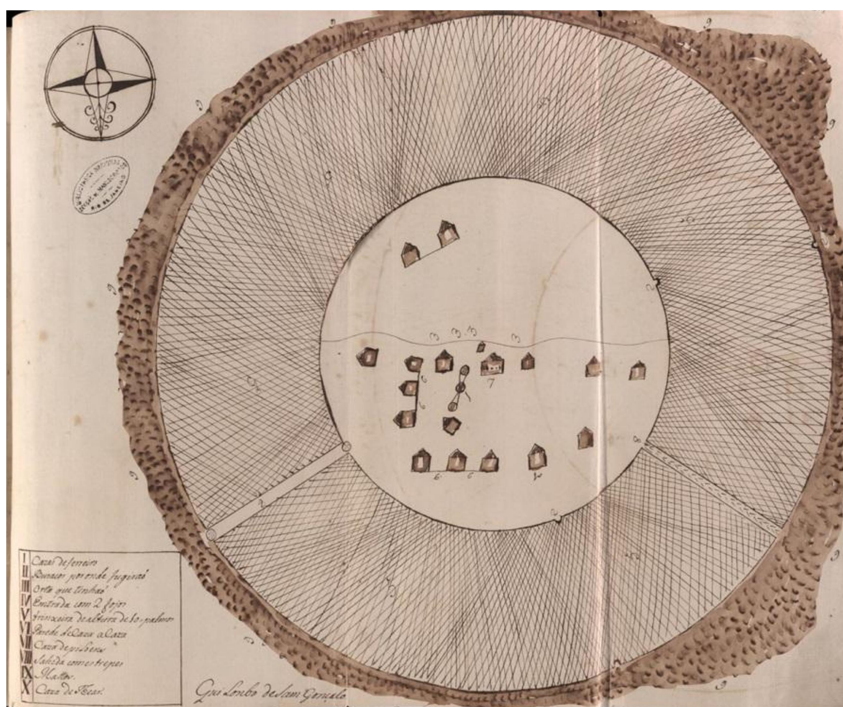
ABSTRACT: This study presents a methodological proposal for pedagogical experimentation that uses colonial documents on historical quilombos as devices for critical decolonial fabulation, reporting its initial results. In the 18th century, the quilombola network of the Campo Grande dominated regions surrounding the Triângulo Mineiro, having a complex political and economic systems. The presence of these quilombola's settlements threatened the Christian-European slaveholding domination of the Americas, leading to numerous military attacks to destroy the quilombos and incorporate their territories into the domains of the colonial administration. Such institutionalized violence was unable to extinguish quilombola's settlements, which remain present today in various corners, each cultivating communities with their own ways of life. Using as our tools the remains of historical quilombos, observed through the critical methodologies of contemporary authors, we start from didactic experiments that demonstrate the potential to transform relationships with colonial archives, establishing affective connections with quilombola ancestries and recognizing in historical settlements not only resistance, but concrete proposals for insurgent planning.

KEYWORDS: *quilombos, colonization, decolonization, biointeraction; historical documents*

INTRODUÇÃO

Durante a maior parte do século XVIII, os quilombos dominavam vastas regiões do atual Triângulo Mineiro e arredores, no bioma do cerrado. A rede quilombola do Campo Grande contava com dezenas de povoados, com economias complexas, com roças, produção de tecidos, couros e instrumentos em ferro, e estruturas políticas organizadas, com reis, assembleias e conselhos (ver Figura 1). Cada quilombo do Campo Grande abrigava dezenas ou centenas de habitantes, onde, provavelmente, se integravam populações indígenas, africanas e outros fugitivos da colonização escravista europeia. Documentados pelas tropas militares destruidoras, os relatos da administração luso-cristã dão a ver que esses quilombolas constituíram formas complexas de habitar e produzir vida, desafiando o poder colonial. Mesmo após sucessivas destruições, os quilombos eram reconstruídos em regiões próximas. Essa resiliência demonstrava a constituição de organizações sociopolíticas próprias, fora do alcance do sistema religioso, legal, econômico e tributário da monarquia portuguesa. Os territórios quilombolas e indígenas eram entendidos pelos agentes coloniais portugueses como “deserto” a serem “povoados” com seus súditos, trocando aquela população indesejada por outra que estivesse submetida ao Estado luso-cristão colonialista. (Freire,2021)

Figura 1. Quilombo de Sam Gonçalo, [1769?]. Acervo da Fundação Biblioteca, código: MS-575(1), folha 244.



Fonte: BN Digital. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/comunidades-quilombolas/fontes-sobre-quilombos-na-biblioteca-nacional/fontes-para-consulta-digital/>

Tais práticas repressoras não se encerraram depois da abolição da escravidão legal e formação do Estado nacional brasileiro. O pensamento e práticas que orientam as forças colonialistas sobreviveram à queda dos impérios transatlânticos, atuando ainda hoje sobre comunidades insurgentes, como demonstra o intelectual e lavrador Antônio Bispo dos Santos (1959-2023), originário do quilombo Saco do Curtume, da caatinga do Piauí. De acordo com Bispo, a globalização, a cristianização e o desenvolvimento são alguns dos instrumentos da dominação colonialista, desconectando os humanos do ambiente e dos demais vivos, ao impor crenças religiosas monoteístas e ao instaurar regimes de racismo não apenas sobre a humanidade, mas também sobre plantas e animais, reduzindo-os a poucas espécies “sintetizadas” pelas monoculturas. Como

alternativa às vivências cosmo-fóbicas, Nêgo Bispo defende a manutenção de comunidades com modos de vida próprios, fundadas na biointeração com seus ambientes locais. (Bispo, 2023)

Constatando que os quilombos cultivaram modos alternativos de organizações socioculturais, percebemos que as ancestralidades e territorialidades quilombolas, históricas e atuais, podem ser convocadas como dispositivos contracoloniais, sendo exemplos importantes para a orientação do planejamento de sociedades novas, que suplantem a catástrofe colonialista que acomete o planeta e seus viventes há séculos.

METODOLOGIA

Neste trabalho buscamos apresentar, fundamentar e comunicar resultados iniciais de proposta metodológica de experimentação pedagógica que utiliza documentos coloniais sobre quilombos históricos como dispositivos para fabulação crítica contracolonial. Primeiramente buscamos demonstrar como vestígios documentais dos quilombos podem ser reinscritos como arquivos vivos. De maneira complementar, queremos articular um protocolo de oficina que conecte as ancestralidades quilombolas com a imaginação de futuros insurgentes e, assim, observar as potencialidades pedagógicas dessa abordagem.

Os documentos produzidos pelos colonizadores, registrando as características dos quilombos, tendo em vista sua eliminação e usurpação de sua infraestrutura, carregam rastros das violências coloniais. Subvertendo o caráter dos documentos como testemunhas da destruição, tais vestígios nos conectam no presente com aqueles povoamentos fugitivos do passado, como sugere Hartman (2021), abrindo espaço para a fabulação crítica: imaginar vidas e mundos possíveis, não para substituir o arquivo, mas para resistir à sua mutilação. Haraway (2023) propõe a fabulação especulativa como prática de resistência em meio a nossa realidade de catástrofes, evocando outros mundos possíveis para habitarmos os problemas de nossa época. A fabulação se firma enquanto um gesto político: reinscrever os mapas e textos como arquivos vivos, abertos a histórias potenciais, como nos instiga Azoulay (2021).

Aproximando-nos da noção de planejamento fugitivo de Harney e Moten (2013), nos aliamos a estes quilombos do passado como expressões inspiradoras de modos insurgentes de planejar, fazer, improvisar e de se relacionar com um mundo catastrófico. Diferentemente da organização que visa ao controle, o planejamento fugitivo organiza para escapar: improvisa, inventa e constrói mundos outros. Pensando com Ferdinand (2022), tomaremos os quilombos e suas biointerações como prática de fazer-mundo, como modelo de “resistência de ecologia política”.

Nas apresentações, teremos exposição da pesquisa documental dos quilombos, situando as características dos povoados históricos e contexto de produção dos documentos coloniais. Na sequência, apresentamos e discutimos as possibilidades de exercícios didáticos coletivos de imersões nos documentos (através de desenho, colagens, narrativas, músicas e afins) que subvertam esses registros coloniais, reescrevendo-os como plataformas de imaginação socialcultural e ecológicas alternativas, apresentando resultados iniciais dessas proposições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Inspirado nas ancestralidades quilombolas, retomando suas memórias para planejar futuros que reconectem a humanidade com a pluralidade de vidas e seres que nos rodeiam e permeiam, o projeto de oficinas criativas que vem sendo construído pelas autoras, a partir dos referenciais teóricos e estudo histórico aqui apresentado, é uma atividade que vem germinando em conjunto com diferentes grupos. A análise dos vestígios históricos combinada a uma metodologia crítica de fabulação contracolonial, resultam em potentes de gestos pedagógicos para imaginação de modos de vida alternativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relevância dos quilombos do Campo Grande setecentistas ultrapassa a memória local, constituindo parte indissociável da formação territorial e histórica brasileira, mostrando que as redes de infraestrutura coloniais foram erigidas sobre o mundo negro fugitivo. As complexidades de suas organizações político-econômicas fazem perceber que existem formas alternativas de vida, que desafiam os sistemas hegemônicos e podem guiar no planejamento de sociedades insurgentes, que nos ajudem a habitar e resistir à catástrofe colonial e suas permanências no presente.

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho integra os estudos do laboratório Labdias, da FAU-USP, orientado pela professora Dra. Ana Castilho Barone.

REFERÊNCIAS

AZOULAY, Ariella. **História potencial: desaprendendo o imperialismo**. Tradução de Bruno Gambarotto. São Paulo: Ubu, 2021.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/ Pisegrama, 2023

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2022.

FREIRE, Karen Pessoa. **Relatos de campanha: a expansão colonial portuguesa sobre os quilombos do Alto São Francisco e Alto Paranaíba no século XVIII**. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, São Paulo, v. 29, p. 1–45, 2021. DOI: 10.1590/1982-02672021v29d1e24. Disponível em: <https://revistas.usp.br/anaismp/article/view/172163>.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 edições, 2023.

HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de jovens negras no início do século XX**. Tradução de Lubi Prates. São Paulo: Todavia, 2021.

HARNEY, Stefano; MOTEN, Fred. **Sobcomum: planejamento fugitivo e estudo negro**. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Ubu, 2023.